

Be Cool



Juliano Alves Pinto:
“Exoesqueleto é um
grande ganho”

A ingrata missão de
convencê-la a gostar
de você

Amanda Gontijo

COPA 2014

Dez momentos pra esquecer e dez
momentos pra lembrar

7x1? Ainda não vimos nada

Suarez não cabe no futebol da FIFA

A Copa aos pés da Argélia

BeCool



SETLIST DO MÊS
VLOG DO EDITOR
VÍDEOS LEGAIS
PROGRAMA AO VIVO? (NÃO CUSTA SONHAR)

Inscreva-se
youtube.com/user/revistabecool



SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

TWITFEED

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Vange Leonel

6 | SETLIST

Pra depois da Copa

7 | ROTEIRO SP

Julho de 2014

44 | FAZ SENTIDO?

Esse tal de 4-2-3-1

45 | CRÔNICA

Jogo da memória

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | DUAS COPAS: UMA PRA ESQUECER; OUTRA
PRA RECORDAR

Dez momentos inesquecíveis e dez esquecíveis

12 | AINDA NÃO VIMOS NADA

No Rio, a Copa trouxe fortuna e desgraça

16 | NÃO HÁ ESPAÇO PRA SUÁREZ

O jogador não cabe no futebol da FIFA

20 | A COPA DO MUNDO A SEUS PÉS

A Argélia vai pela primeira vez à segunda fase de
uma Copa

24 | ENTREVISTA

Juliano Alves Pinto

28 | ENSAIO

Amanda Gontijo

40 | A INGRATA MISSÃO DE CONVENCÊ-LA A GOS-
TAR DE VOCÊ

Se você tem que vender suas qualidades, pode
esquecer

ENTRE EM CONTATO

Facebook: facebook.com/RevistaBecool

Twitter: [@becoolmagazine](https://twitter.com/becoolmagazine)

E-mail: adngui@gmail.com

Carta aos leitores

TWITFEED



Teve falta de sono, falta de artigos, uma morte, uma mudança de proposta e uma troca de capa de última hora. Mas está aqui, um dia e... algumas horas de atraso, a BECOOL 22, um número muito especial para nosso editor apaixonado pela Taylor Swift contagiado pelo clima da Copa.

Esta edição tem Amanda Gontijo linda em um ensaio maravilhoso e inesquecível que você não pode perder. Temos ainda a resposta a uma artigo sobre a ingrata missão de convencer alguém a gostar de você. De que vale a pena querer estar com alguém que não te valoriza? Melhor ficar na companhia da Copa.

Por falar nela, temos um special sobre a Copa que acabou com momentos memoráveis, uma análise da derrota do Brasil para a Alemanha, a punição a Suárez e uma homenagem à Argélia, seleção que surpreendeu mais uma vez ao ir até as oitavas de final. Na linha de matérias sérias, uma entrevista com Juliano Alves Pinto, o brasileiro que usou o exoesqueleto em apresentação na abertura da Copa. Tem também Vange Leonel em "Mulheres que Amamos", uma setlist pra você continuar curtindo a Copa das Copas, o melhor do Twitter, o roteiro dos paulistanos no mês e as colunas de Mônica de Souza e Alberto Villas.

Pedimos desculpas por não cumprirmos a promessa de analisar o aniversário de nossa edição especial dos protestos. Fica aqui uma menção honrosa a esta edição que mudou completamente a existência da própria revista. De qualquer modo, a BECOOL 22 está no ar. E não se preocupem pois mês que vem ela volta a circular no entorno do dia 11. Assim esperamos.



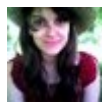
@estadodecirco: Se Tite assumir, Fabio Santos tem lugar na seleção, @gui_pinheiro?



@AKaramazovy: Eu não liguei a TV pra receber lição de moral do Faus-tão.



@sorryperiferia: Alô, @itau: que bom que vocês enfiaram a musiquinha no rabo!



@anarina: A Alemanha veio com um time tão forte que preferiram escalar só 22 jogadores e um analista de social media (Podolski).



@chupafc: Jovens, acabamos de descobrir que pode ser que o Ronaldo esteja comentando a final na Globo.



@livbrandao: A senha do wifi do boteco que eu tô é "cadê o Fred". Juro.



@ediasdinhod: A "dona Lúcia" podia mandar uma carta pro Felipão avisando q o Robben sempre corta pra esquerda. Ia ser mais útil.



@corinthiana: - Amor onde vc estava?

- Não sei, tive um apagão de 6 minu-

tos

Vange Leonel

Por CELSO ROCHA DE BARROS

Eu não conhecia a Vange pessoalmente, mas, como já tínhamos todos descoberto quando morreu o Senshô, nossas amizades virtuais fazem muita, muita falta. Tem gente melhor pra escrever obituário e homenagem, a começar pela Cilmara Bedaque, o amor da vida da Vange.

Vange foi cantora, escritora e dramaturga. Tanto quanto eu sei, Vange foi a primeira pessoa a escrever uma coluna sobre temas LGBT na grande imprensa brasileira (na Folha). Lendo seus textos e seguindo seu perfil no Twitter, aprendi bastante sobre os debates do universo LGBT, suas brigas, suas invenções.

Junto com a Cilmara, a Vange escrevia um blog sobre cerveja, o Lupulinas, que é excelente (imagino, espero, que a Cilmara continue escrevendo o blog). Tinha um estilo temperado pelo que imagino que tenha sido muito tempo discutindo e pensando e experimentando. Um de seus últimos tweets foi esse:

fico feliz por conversar aqui no twitter com camaradas que não caem na vala rasa do 8 ou 80. obrigata ;-)

Por mais insignificante que isso pareça comparado ao resto, ela foi uma das primeiras pessoas fora de meu círculo de amizades pessoais a descobrir o NPTO (no começo achei que era alguém que usava o nome dela como pseudônimo), de modo que, novamente ressaltando o quanto de insuficiente é a homenagem, e já pedindo desculpas por isso, achei que devia escrever isso aqui.

Vá em paz, grande fodona, e obrigado por tudo.

SETLIST

Depois da Copa

Já faz alguns dias que a Copa do Mundo de 2014 acabou. No fim das contas, a Alemanha ganhou e o Brasil ficou em quarto depois de tomar de 7x1 da campeã e de 3x0 da Holanda. Foi uma Copa divertida, a Copa da zoeira, das redes sociais, das transmissões do Paulo Bonfá. Mas agora tudo isso acabou e voltaremos à velha rotina de mimimi político, trabalho e Brasileiro. É pra matar a sua depressão pós-Copa que nós fizemos esta setlist. Enjoy It.



5. Pitbull ft. Jennifer Lopez — We Are One

Muita gente reclamou da música, mas agora que a Copa acabou nada melhor do que ouvir “We Are One” pra relembrar. Não é a música horrível que todo mundo achou (só que “Waka Waka” é melhor) e é ótima pra gente se soltar e mexer. 5º lugar.



4. Demi Lovato — Heart Attack

A seleção brasileira tomou de 7x1, quase não foi até as quartas de final, jogou com Fred no ataque e não convenceu ninguém na Copa que jogou em casa. É pra infartar qualquer um. Que tal “Heart Attack” pra acompanhar essa sensação?



3. Scorpions — No Pain No Gain

Uma banda da terra da campeã do mundo, um clipe todo voltado ao futebol e uma filosofia de trabalho típica da seleção alemã. Sem dor, sem ganho. Sem suor, sem ganho. Sem treinar no CT próprio, sem ganho. Medalha de bronze pra essa ótima metáfora futebolística.



2. Ke\$ha — Cannibal

Um dos momentos mais comentados da Copa foi a mordida de Suárez em Chellini no jogo Itália x Uruguai. O Uruguai venceu por 1x0 e Suárez pegou uma suspensão enorme depois do jogo. Suárez “come garotos no café da manhã e no almoço”. E tem Ke\$ha como uma de suas heroínas.

1. Itaú — Mostra Tua Força, Brasil!

Nada como uma vergonha alheia de Copa pra gente querer esquecer essa Copa de vez. No caso, a ridícula música do Itaú que não pegou e não serviu nem pra piada nas redes sociais. Primeiro lugar pra essa referência que nos exclui um anunciante por um tempo.



ROTEIRO SP



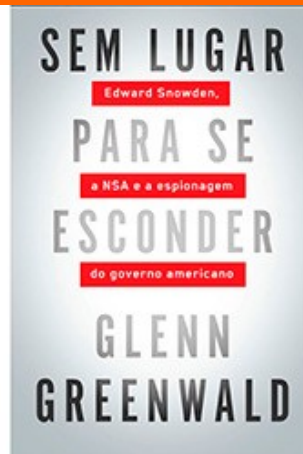
Filme: Transformers: A Era da Extinção

Alguns anos após o grande confronto entre Autobots e Decepticons em Chicago, os gigantes robôs alienígenas desapareceram. Eles são atualmente caçados pelos humanos, que não desejam passar por apuros novamente. Quando Cade (Mark Wahlberg) encontra um caminhão abandonado, ele jamais poderia imaginar que o veículo é na verdade Optimus Prime, o líder dos Autobots. Muito menos que, ao ajudar a trazê-lo de volta à vida, Cade e sua filha Tessa (Nicola Peltz) entrariam na mira das autoridades americanas.



CD: Zerima

(Som Livre, R\$ 25) Luiz Melodia dispensa apresentações. Dono de uma das vozes mais fortes do Brasil, ele chega à Som Livre para mostrar sua genialidade em um novo trabalho. No álbum Zerima, Luiz apresenta 16 faixas que variam entre composições de sua autoria e de grandes nomes como Ivone Lara. O projeto conta com a participação da cantora Céu que embeleza ainda mais o álbum com sua voz doce na faixa “Dor de Carnaval”. “Zerima”, faixa que intitula o disco, e “Maracangalha” de Dorival



Livro: Sem Lugar Para Se Esconder

(Sextante, 288 páginas, R\$ 25) Em meados de 2013, o jornal britânico The Guardian publicou uma série de matérias que desvendavam a vigilância ilimitada praticada pela NSA, a Agência de Segurança Nacional norte-americana. As reportagens, assinadas pelo ex-advogado e jornalista Glenn Greenwald, revelaram ao mundo que a inteligência do país estava espionando em larga escala não só as comunicações domésticas, mas também as de outros países, inclusive os aliados. Neste livro, Greenwald conta, desde o início, como foi escolhido por Edward Snowden para ser o receptor dos dados confidenciais que formaram o escopo de seu trabalho jornalístico.



Show: Beatriz Azevedo

Na apresentação, a cantora recebe os amigos Zélia Duncan e Jaques Morelenbaum para o lançamento do disco "AntroPOPhagia", gravado ao vivo no Lincoln Center, em Nova York. Dias 17 e 18 às 21h no teatro do SESC Pompeia. R. Clélia, 93 - Água Branca - Oeste. Tel.: 3871-7700. Ingresso: R\$ 4 a R\$ 20.

Balada: Festa Push!

Novata na cidade, a folia embala Belo Horizonte há quatro anos. Sua principal característica é rolar em lugares inusitados. Afesta estreia na área externa da Áudio Club, na Barra Funda, no meio da tarde. Hip-hop e trap são os sons que costumam sair dos toca-discos dos DJs. Os convocados para os sets são F82 e os duos Database e Roots Rock Revolution, representando os paulistas, e Xeréu, Jahnu e Vitor Sobrinho, de Minas Gerais. Dia 19 às 15h no Audio Club. Avenida Francisco Matarazzo, 694 - Água Branca - São Paulo - SP. Entrada: R\$ 110,00 (mulher) e R\$ 120,00 (homem).



DUAS COPAS

Uma para esquecer

Outra para recordar

Uma lista com dez momentos esquecíveis e dez inesquecíveis do Mundial de 2014.

Por MATHEUS PICHONELLI





F

oram 31 dias de competições, disputas emocionantes, memes e algumas coisas vergonhosas. A Copa de 2014 acabou neste domingo (12) com o tetracampeonato da Alemanha e deixou de legado momentos únicos — alguns pra lembrar e outros pra esquecer. Matheus Pichonelli analisa a seguir alguns deles.

DUAS COPAS

PARA LEMBRAR

Neymar

O camisa 10 da seleção brasileira se salvou do naufrágio. Enquanto esteve em campo, mostrou por que é um dos maiores talentos da atualidade: correu, driblou, marcou quatro gols, deu duas assistências em bola parada e ainda converteu a cobrança derradeira contra o Chile na decisão por pênaltis. Aos 22 anos, mostrou maturidade e abriu caminho para uma trilha vitoriosa na história das Copas.

James Rodrigues

O artilheiro da Copa foi o maestro da melhor campanha da Colômbia na história dos Mundiais. Um talento raro, de passes e chutes precisos e visão de jogo apurada que encantou o mundo. Após a eliminação de sua equipe, foi amparado pelo brasileiro David Luiz e recebeu aplausos de rivais e dos torcedores do Castelão, numa das mais belas imagens do torneio.

Messi

Finalmente o craque do Barcelona, quatro vezes eleitos o melhor jogador do mundo, deu as caras em uma Copa. Marcou gols decisivos na primeira fase, e costurou a defesa da Suíça para encontrar Di Maria livre para chutar no canto e abrir passagem à classificação da equipe em seu momento mais dramático na Copa. Mesmo apagado na final, foi eleitor o melhor jogador do torneio.

Os gols

Foram 171 gols ao longo da competição, número que igualou a Copa de 98. Difícil vai ser escolher o mais bonito deles: Cahil contra a Holanda, James Rodrigues contra o Uruguai, Van Persie contra a Espanha, Messi contra o Irã, David Luiz contra a Colômbia. Os torcedores vão passar os próximos quatro anos vendo e revendo no YouTube aos gols antológicos desta Copa.

A máquina alemã

A equipe que iniciou a campanha com uma sacolada de 4 a 0 sobre Portugal protagonizou o maior massacre sofrido por uma seleção campeã do mundo, nas semifinais, contra o Brasil: 7 a 1. Mas nem só de gols viveram os alemães durante o Mundial. Os jogadores da equipe dançaram com índios pataxós, soltaram pipa, nadaram, jogaram para a torcida anfitriã nas redes sociais, comemoraram com funcionários do hotel a vitória brasileira contra o Chile, tiraram fotos com ídolos locais, vestiram a camisa dos times brasileiros e cantaram o hino do Bahia com torcedores. Estavam mais em casa do que os próprios anfitriões.

Forças improváveis

Costa Rica, Grécia, Colômbia, Argélia. Poucos apostavam no sucesso dessas equipes no Mundial. Com a bola em campo, elas



surpreenderam e mostraram que só tradição não ganha jogo, e desbancaram times favoritos como Itália, Uruguai, Inglaterra, Costa do Marfim e a Rússia de Fabio Capello.

Os grandes jogos

Viradas, reviravoltas, prorrogação, decisão nos pênaltis. A prateleira dos melhores jogos da história das Copas ganhou pelo menos dez jogos antológicos, como os 3 a 2 da Holanda sobre a Austrália, os 2 a 1 do Uruguai sobre a Inglaterra, os 2 a 1 da Grécia sobre a Costa do Marfim, os pênaltis da Holanda contra a Costa Rica e a terceira final entre Alemanha e Argentina da história.

Grandes defesas

Oshoa, Navas, Tim Howard, Krul, Enyeama, M'Bolhi, Romero, Neuer. Dava para montar uma seleção apenas de goleiros decisivos nesta Copa, seja na hora dos pênaltis, seja na hora dos milagres, seja com a bola dos pés, caso do goleiro alemão, que poderia ser eleito um dos melhores zagueiros do Mundial. Destaque para Krul, terceiro goleiro do time holandês, que entrou em campo apenas para as penalidades contra a Costa Rica, assustou os adversários e segurou duas cobranças.

Klose

O segundo gol do massacre contra o Brasil levou o grandalhão alemão a superar o brasileiro Ronaldo no topo dos maiores artilheiros da história do Mundial: 16 gols em quatro participações. Farid Mondragón. Em 24 de junho, o goleiro colombiano entrou para a história como o jogador mais velho a atuar em uma Copa do Mundo. Ele entrou em campo aos 38min do segundo tempo da vitória por 4 a 1 da Colômbia sobre o Japão. Aos 43 anos, o arqueiro do Deportivo Cali superou o antigo recordista, o camaronês Roger Milla, que tinha 42 quando participou da Copa de 1994.

A seleção não leva em conta os incidentes, acidentes, mortes, remoções forçadas e prisões.



atleta com um arsenal e brutalidade. Entre ofensas racistas e ameaças de linchamento, chegaram ao absurdo de postar imagens da filha do jogador com insultos e apologia ao estupro. Foi a prova de que alguns usuários da rede não deveriam ter saído jamais de suas cavernas.

Mordida de Suárez

Herói do Uruguai na partida contra a Inglaterra, Suárez jogou no lixo a possibilidade de brilhar em sua segunda Copa ao morder, diante das câmeras, o zagueiro Chiellini na vitória contra a Itália. A mordida rendeu, além de piadas até o fim do Mundial, uma suspensão draconiana: nove jogos de gancho e a proibição de participar de qualquer atividade fora de campo com sua seleção. Um dos pontos mais baixos de uma Copa marcada pelo alto nível dos embates.

Erros de arbitragem

Foi um festival de erros: os pênaltis mal marcados sobre Fred e Robben, gols mal anulados de Bósnia e México, falta mal marcada sobre Hulk contra a Colômbia, impedimentos mal assinalados e, sobretudo, botinadas não punidas. A ausência de controle passou longe do padrão Fifa exigido pela entidade máxima do futebol.

O tombo dos gigantes

Favoritos até o início da Copa, equipes como Itália e Inglaterra fizeram campanhas pífiás e caíram logo na primeira fase. Uruguai sucumbiu nas oitavas e a França, nas quartas. Nem mesmo a “ótima geração” belga conseguiu empolgar. No fim, times menos badalados roubaram a cena e impediram nomes como Pirlo, Balotelli, Rooney ou mesmo Cristiano Ronaldo de mostrar no Brasil o seu melhor futebol.

Ausências

Ao todo, 53 convocados não puderam atuar no Mundial devido a lesão, casos de Thiago Alcantara, Van der Vaart, Rossi, Reus, Falcão Garcia e Ribéry, um dos melhores jogadores da atualidade. Destaque negativo também para os desfalques ao longo da Copa, como os de Neymar, de Jong e Di Maria. Com eles em campo, a história do Mundial poderia ter sido outra.

Vaias e xingamentos

A torcida que deveria fazer uma festa na Copa das Copas mostrou também seu lado raivoso. Diante das câmeras de todo o mundo, vaiou e xingou como quem atira ovos e pipocas no picadeiro. Não poupou o hino de equipes rivais nem a presença de autoridades no estádio, caso da presidenta Dilma Rousseff.

**A seleção de lances para esquecer não leva em conta os incidentes, acidentes, mortes, remoções forçadas e prisões registradas antes, durante e depois do Mundial. Há lances que não estavam diretamente relacionados aos destinos dos jogos nem merecem ser esquecidos. ■*

PARA ESQUECER*

Cristiano Ronaldo

Uma pena que o maior jogador da atualidade, segundo a Fifa, não contou com uma equipe à altura do seu talento. Com apenas um gol, o craque do Real Madrid naufragou em meio a uma campanha irregular da seleção portuguesa com uma derrota, um empate, uma vitória e a queda ainda na primeira fase.

Decepção africana

Não adiantou beijar os maços de dólares enviados de avião ao Brasil para debelar uma crise na seleção de Gana, que reclamava do atraso de pagamentos e ameaçava não entrar em campo no último jogo da primeira fase, contra Portugal. A equipe entrou, foi derrotada, e voltou para casa mais cedo, a exemplo de Camarões e Costa do Marfim. A atitude marcou negativamente a passagem da equipe pelo Brasil.

Campanha do Brasil

A equipe de Luiz Felipe Scolari bateu todos os recordes negativos em uma Copa: maior derrota de sua história, maior derrota de um campeão em Copas, maior derrota de um anfitrião, defesa mais vazada...uma campanha medíocre que não salvou os poucos espasmos de criatividade de uma equipe que em nenhum momento engrenou.

Lesão de Neymar

A joelhada imprudente do lateral Zuñiga tirou do Brasil sua maior arma. A fratura da terceira vértebra da coluna impediu a participação de Neymar nas duas últimas partidas e tirou parte do brilho do Mundial.

Perseguição a Zuñiga

Algoz de Neymar, o lateral da Colômbia se transformou em alvo da ira de torcedores que usaram as redes sociais para atacar o



Ainda não vimos nada

Se prevalecer a lógica do 'inexplicável não se explica', colocaremos anos de alerta sob o tapete. De novo. E o vexame terá sido só um de muitos.

Por MATHEUS PICHONELLI



E

xistem duas leituras possíveis sobre a derrota por 7 a 1 da seleção brasileira para a Alemanha, nas semifinais da Copa de 2014. Uma é atribuir o fiasco (a goleada, não a desclassificação, compreensível pelas condições normais de pressão e temperatura) a uma pane, uma fatalidade aleatória que nasce e morre na natureza. Outra é também atribuir a sacolada a uma pane, mas uma pane construída, resultado de anos de erros, preguiças e omissões sobre uma série de alertas.

Na coletiva de imprensa do dia seguinte à derrota, Luiz Felipe Scolari optou pela primeira leitura: tomamos quatro gols em seis minutos em um momento de pane. Explicar o que aconteceu nesses seis minutos é explicar o inexplicável, como disse o coordenador técnico Carlos Alberto Parreira ao fazer coro à declaração do goleiro Júlio César ao fim do jogo – ele, que não teve culpa em nenhum dos sete gols, pode dizer isso, mas o técnico tetracampeão, não (para quem já afirmou que o gol é um mero detalhe, nada de novo, a não ser um possível adendo: foram 7 detalhes contra 1).

Pane por pane, caso valesse a lógica da comissão técnica, podemos dizer também que a seleção brasileira só leva cinco estrelas no peito em razão de duas panes: a de Roberto Baggio, quando mandou a bola para a lua na decisão em 94, e a de Oliver Kahn, que soltou a bola no pé do Ronaldo na final de 2002. Não fossem as duas "panes", o último título do Brasil teria sido em 1970. E ninguém por aqui saberia o que é vencer uma Copa após a era Pelé.

Olhando tudo friamente, parece certo, honesto até, concordar que a derrota é consequência do jogo. E sim: é possível vencer ou colocar tudo a perder não em seis, mas em um minuto de desatenção e/ou inspiração. O que aconteceu na semifinal contra a Alemanha, porém, não foi a consequência de um jogo. Foi a conse-

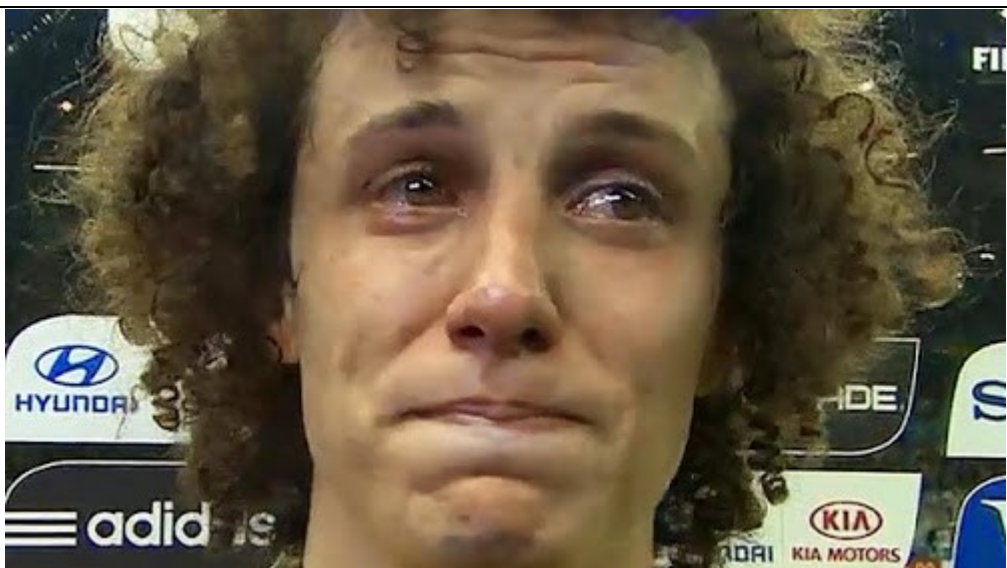
quência de anos de escolhas, de anos de sujeira escondida sob o tapete e que de repente explodiu. Os erros têm naturezas diversas e, embora seja fácil ser engenheiro de obra pronta (ou obra implodida) – ninguémalaria nelas se o Brasil estivesse na final –, falar em renovação parece um caminho inevitável após a hecatombe. Porque simplesmente os pilares da obra estão ao chão, ainda que a comissão técnica diga que chegar à semifinal não é pouco.

A incapacidade de evitar a pane no jogo é resultado de anos de despreparo. O primeiro sinal é o emocional: desde a decisão nos pênaltis contra o Chile estava claro que a equipe não estava pronta para a derrota. E não estar pronta para a derrota é o primeiro flerte com o desespero. Contra o desespero não há Regina Brandão que dê jeito: é como chamar o bombeiro enquanto a brasa e a gasolina seguem queimando dentro da casa.

E por que o time não estava pronto para a derrota? Porque foi colocado na cabeça de cada um dos atletas que o Brasil estava em guerra, que seria uma desonra não levantar a taça no próprio país, que havia inimigos por todos os lados, dos chilenos aos juízes, dos torcedores que não acreditam no País à imprensa espíã – aquela que precisa ser despistada para não levar o segredo industrial ao outro inimigo, o adversário. Por isso Felipão treinou com um time e levou outro a campo. Enganou tanto que levou sete gols.

Observada agora, a escolha de Bernard parece sintetizar a pane programada. O "menino das pernas alegres" pensou ganhar a chance da vida mas foi o primeiro a ser fuzilado. A missão era no mínimo ingrata: com seu 1,63m, e nenhuma partida como titular na Copa, era dele a responsabilidade de substituir o melhor jogador da década em meio a um paredão formado por Boateng (1,92m), Hummels (1,92m), Toni Kross (1,82m), Höwedes (1,87m) e Lahm (1,70m).

Tudo bem se no tabuleiro do jogo tudo corresse como manda o figurino: o Brasil com a bola no chão e a Alemanha, na bola aérea. Mas só quem não acompanhou futebol nos últimos anos e semanas poderia imaginar que o figurino estivesse intacto. O Brasil, por exemplo, precisou de seus zagueiros para marcar os três últimos



gols na Copa, todos em lances de bola parada (dos sete gols alemães, seis foram em troca de passe com a bola no chão).

Tudo porque o treinador brasileiro não quis mudar o esquema de jogo para encarar a Alemanha. Pensou que não precisava, como se as equipes estivessem no mesmo patamar. Os quatro gols em seis minutos mostram que não estavam, a começar pelo preparo entre elas: eliminada em casa em 2006, a Alemanha parece ter se concentrado durante oito anos para lidar com qualquer tipo de pane. Foi eliminada em 2010 e seguiu em frente. Manteve o treinador, manteve a base da equipe, aprimorou o campeonato nacional, a ponto de torná-lo o mais interessante em toda a Europa, e chegou ao Brasil voando. Talvez porque estivessem prontos para a derrota. Porque soubessem que ela faz parte do jogo. E saber lidar com ela faz parte da preparação. Todo o resto é pânico diante das circunstâncias, esta que faltou à Alemanha e sobrou ao Brasil.

Se não ganharem esta Copa, e pode ser que não ganhem, é difícil imaginar esta seleção em pânico: os jogadores voltarão às suas equipes, a maioria em seu país, e disputarão torneios de ponta. Terão idade, e repertório, para chegar ainda mais fortes à Rússia em 2018. E talvez sigam sob o comando do mesmo técnico, Joaquim Löw, para quem a Copa não é um fim em si, mas a continuidade de um projeto que já dura oito anos, com viés de alta. Mesmo que não levem a taça, nem aqui nem lá.

Por aqui, em contrapartida, o clima é de território arrasado. A começar pela generosidade das desculpas do treinador: "eles tiveram oito anos para se preparar, nós tivemos um e meio". Mano Menezes, que iniciou o trabalho e convocou 22 de 23 atletas da lista final de Felipão, não ganhou sequer um obrigado. Não é só um desliz: é pura pobreza. Diante dela, 11 em cada 10 análises falam agora em "renovação necessária", mas para onde o lham não veem terras férteis. À exceção de Neymar, qual foi a grande novidade do futebol brasileiro nos últimos quatro anos? Qual foi o legado das duas últimas Copas? Quem esteve em campo em 2006 e 2010 e criou casca para chegar, experiente e rodado, para a disputa do Mundial de 2014? Quem preparamos para 2018? Quem foram os treinadores que se destacaram na última

Qual foi a grande novidade do futebol brasileiro nos últimos quatro anos?



Um bom começo, talvez, seja ouvir o que tem a dizer o pessoal do Bom Senso, movimento surgido para mostrar que o rei está nu – e faz tempo. Os alertas estavam por todos os lados, da derrota do Santos para o Barcelona por 4 a 0 à debandada de atletas, como commodities, para países como Ucrânia, Rússia e Turquia.

A empolgação diante da vitória na Copa das Confederações e o avanço, a duras penas, até as semifinais do Mundial colocaram todas essas perguntas debaixo do velho tapete – inclusive deste escriba, e da imprensa esportiva em geral, que vendemos como recebemos ideias sem qualquer observação empírica, entre elas a de que a defesa da Argentina era uma peneira e a brasileira, uma fortaleza. Na vida prática, a teoria era outra, e o jogo contra a Alemanha mostra o quanto estávamos enganados sobre nosso nível de preparo. Mais do que isso,

década? Mais: há terreno para novos Neymar e novos Felipões?

Nos anos 1990, as grandes equipes nacionais eram comandadas por treinadores surgidos na mesma década, que montaram impérios em suas equipes. Felipão foi um deles. Vanderley Luxemburgo também. Os técnicos das décadas anteriores quase não tinham vez: era notório que estavam ultrapassados, com a exceção de Telê Santana, que colheu no começo da década o que plantou nos anos anteriores e se aposentou, em parte devido à limitação física. Nas décadas de 2000 e 2010, os mesmos treinadores dos anos 90, que já não são novidade, seguem no primeiro escalão, embora parte deles aja como técnicos aposentados ainda em atividade. Dos últimos dez campeões brasileiros, apenas Tite e Muricy Ramalho passaram mais de uma temporada em uma mesma equipe (o último passou três no São Paulo e ganhou três títulos nacionais). Marcelo Oliveira, no Cruzeiro, segue o mesmo caminho. Os demais foram limados na primeira crise – também conhecida como três derrotas seguidas – e não conseguiram acumular musculatura e credências a serem apresentadas como opções para a seleção, que hoje se apegua ao passado para voltar às glórias.

Mas como mostrar serviço, acumular musculatura e credenciais com o calendário atual, de dois a três jogos por semana, em campos estourados, arquibancadas sem torcida, categorias de base abandonadas, times sem orçamento e equipes rebaixadas pelo Tapetão? Como, enfim, buscar a maturidade e se equiparar aos profissionais de alto rendimento com tanto amadorismo por todos os lados? Como esperar que do campo tomado por concreto e asfalto brote um canteiro de flores? Trancando esses mesmos profissionais na concentração, como bois em cativeiro intensivo?

mostra como tudo ainda pode ser pior. Eu, como palmeirense, ficaria feliz se a derrota por 7 a 2 contra o Vitória, na Copa do Brasil de 2002, fosse o fundo do fundo do poço; não só não era como se repetiu, contra o Coritiba, contra o Mirassol, etc.; a cada nova derrota era o respeito a priori que se evaporava: de time temido, o Palmeiras virou objetivo de três pontos dos rivais, mesmo os visitantes.

A correlação é inevitável. Nos primeiros dez minutos de jogo, a Alemanha esperou o Brasil, que jogou, até ali, com a mística: o time era temido porque tinha história, e a cautela alemã era mais um sinal de respeito do que uma estratégia de atração. Em dez minutos o Brasil mostrou que jogava com nome e torcida, mas na primeira troca de passe errada entre Fred e Hulk, deixou claro que daquela cartola não sairia coelho. Em dez minutos a Alemanha abandonou a cautela, viu que não corria risco algum e enfileirou gol a gol para o mundo inteiro assistir e dizer: “viram só, não precisam ter medo: se apertar eles entregam”.

Se a goleada criar jurisprudência, podemos chegar a uma conclusão amarga: éramos temidos e não somos mais. Se outros acreditarem que podem vencer o Brasil, e se o Brasil se fiar na conversa de que tradição e camisa ganham jogo, esta vai ser somente a primeira de muitas goleadas a caminho.

Muller e companhia fizeram, assim, o favor de confirmar, na prática, os alertas de anos anteriores: os reis estão nus (no plural, porque são muitos). Entender a pane contra a Alemanha como consequência desses anos é começar a pensar em começar a fazer algo em torno da papagaiada renovação. Atribuir a pane a um fenômeno da natureza é martelar com pregos um tapete que ainda não explodiu. ■



Não há espaço para Suárez

O jogador, punido por morder um zagueiro italiano, não cabe no futebol organizado pela FIFA.

Por IURI MÜLLER

**A**

aparição de Luisito Suárez na Copa do Mundo de 2014 é digna de provocar vertigens: operado um mês antes do início do Mundial, o atacante uruguaio foi o responsável pelo renascimento do Uruguai na competição com os dois gols que anotou contra a Inglaterra, numa de suas melhores atuações com a jaqueta Celeste. O que não se esperava é que a sua participação na Copa teria fim logo na partida seguinte.



Na manhã desta quinta-feira (26), a Fifa anunciou o seu veredicto sobre a agressão cometida frente ao zagueiro italiano Giorgio Chiellini: nove jogos de suspensão com a camiseta do Uruguai, quatro meses de desvinculação de qualquer atividade do futebol profissional, multa de cem mil francos suíços e a proibição de se fazer presente em estádios de futebol durante o período em que estiver suspenso. Suárez era reincidente, vinha de morder adversários também na Holanda (quando atuava no Ajax) e na Inglaterra (já nos tempos de Liverpool), e o comunicado da Fifa não buscou qualquer espécie de alívio.

O caso de Luisito Suárez, nascido em Salto para a vida e no Gran Parque Central para o futebol, deixou as partidas da Copa do Mundo do Brasil quase em segundo plano por alguns dias. A suspensão revolta uruguaios que, como Diego Lugano, capitão da Celeste, acusam Chiellini de ter simulado o lance – para alguns, Suárez acertou o beque italiano com a cabeça e desta vez não usou os graúdos dentes que no início da carreira lhe valeram o apelido de ‘Conejo’. Outros, mesmo na República Oriental, viram no lance um sinal de desequilíbrio psicológico do atacante, que compromete a sequência do selecionado uruguaio na Copa. Mais do que a conduta de Luís Suárez, entretanto, esteve em discussão os critérios da Fifa para punir o jogador.

Entrevistado sobre o tema, seja lá a relação que tenha com o assunto, o presidente do Uruguai, José ‘Pepe’ Mujica acabou por contribuir com um bom questionamento: para o tupamaro, a atitude

de Suárez foi equivocada, mas se a Fifa resolve punir os atletas apenas a partir de imagens – em tardes nas quais o juiz não apresentou o cartão vermelho – a entidade terá de abrir precedentes para muitas outras situações. Ontem mesmo, no duelo entre França e Equador, que valia a classificação para as oitavas-de-final, os equatorianos se queixaram de uma agressão de Sakhoviyev em Erazo. O árbitro tampouco enxergou o lance e nenhum cartão foi sacado do bolso.

A suspensão de nove jogos afasta Luís Suárez da Copa do Mundo e dos próximos compromissos com a seleção; os quatro meses sem futebol o deixam de fora de praticamente todo o semestre na Europa; a multa em dinheiro pode ser questionada em função dos diversos escândalos financeiros que rondam a entidade; e, por fim, impossibilitar Suárez de assistir a partidas num estádio de futebol soa como arbitrária demais. Suárez, mais do que nunca, não cabe no futebol proposto pela Fifa. Na última Copa do Mundo, salvou um gol da seleção de Gana com a mão, num lance que nos deixou a todos com a respiração suspensa por um par de segundos e garantiu a sobrevivência do Uruguai no certame. Agora, acaba por repetir o ato que tanto lhe rendeu críticas na Inglaterra.

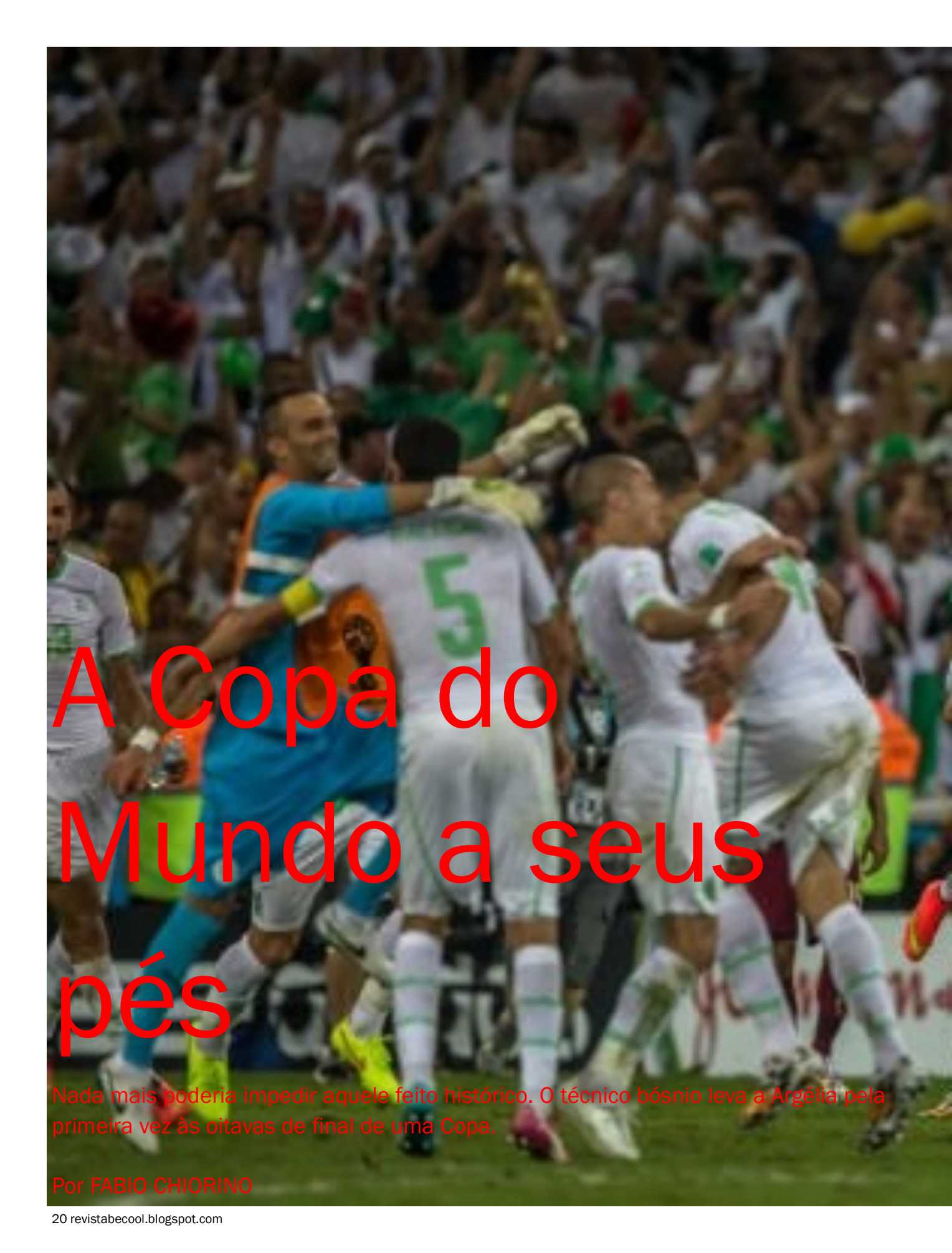
Para os cartolas do futebol internacional, Suárez talvez assuste mais pela ‘selvageria’ e imprevisibilidade do que pela violência que demonstra nos gramados – até porque as suas mordidas não se encaixam exatamente no padrão de golpes que mais se veem

no esporte. Contra o atacante, ainda pesa o caso de racismo denunciado pelo lateral senegalês Patrice Evra, do Manchester United, ainda em 2011. O uruguaio nega as ofensas, mas a polêmica que se estendeu por meses resultou numa suspensão de oito jogos e multa estipulada em 40 mil libras esterlinas pela Premier League.

Na opinião do árbitro argentino Horacio Elizondo, responsável pelo apito na final da Copa de 2006, marcada pela agressão de Zinedine Zidane a Marco Materazzi, a Fifa se encontrava numa encruzilhada ao julgar o lance de Suárez. Isso porque, mesmo ao apelar para as imagens de suas câmeras, a entidade não pôde encontrar provas definitivas da mordida. "Por último está Suárez. Todos lo condenamos, todos creemos que mordió a Chiellini. Es el asesino de la película. Pero nadie puede probarlo. La situación de juego, verlo cabecear a Chiellini, los antecedentes de Suárez y las marcas en el hombro del italiano, condenan al uruguayo. Pero nadie, hasta ahora, puede probarlo", declarou em entrevista.

A Associação Uruguaia de Futebol pode recorrer da decisão, mas é improvável que a pena seja diminuída de maneira significativa. A Celeste, tomada por um sentimento de pesar e de indignação, pois se vê sem o seu principal jogador, já pensa a Copa sem Suárez. E Luisito, atacante de enorme qualidade técnica e de um deslumbrante poder de improvisação dentro de campo, acaba por se desgastar outra vez em polêmicas que pouco têm a ver com os seus dribles de potrero ou os poderosos chutes com a perna direita. ■



A soccer match scene with players celebrating and a large crowd in the background. The players are wearing white jerseys with green accents and blue shorts. One player in the center has the number 5 on his back. A player in a blue jersey is also visible. The background is filled with a large crowd of spectators.

A Copa do Mundo a seus pés

Nada mais poderia impedir aquele feito histórico. O técnico bósnio leva a Argélia pela primeira vez às oitavas de final de uma Copa.

Por FABIO CHIORINO



A placa dos acréscimos já havia sido levantada. Um russo matou um contra-ataque com falta e nada mais poderia impedir aquele feito histórico. A câmera focalizou então Vahid Halihodzic, o técnico bósnio que estava a segundos de levar a Argélia pela primeira vez às oitavas de final de uma Copa do Mundo. Ele trocou o semblante nervoso pelo sorriso aberto. Tocava em cada jogador do banco de reservas como quem quer se certificar de que não se tratava de um sonho.

ARGÉLIA



Veio o apito final e a festa tomou o gramado da Arena da Baixada. O técnico atirado para o alto pelos jogadores. O agradecimento aos torcedores que apoiaram durante 90 minutos. A volta olímpica com a bandeira da ex-colônia francesa que reconquistou sua

independência em 1962, vinte anos antes de disputar sua primeira Copa do Mundo.

Depois que a Costa Rica liderou o Grupo da Morte, esse foi o segundo conto de fadas da Copa do Mundo. Após vender caro a derrota na estreia contra a Bélgica e atropelar a Coreia do Sul na sequência, a Argélia soube acalmar os ânimos após o gol da Rússia logo no início da partida e buscar o empate que garantia o avanço para a próxima fase. Ninguém mais pode desprezar essa seleção.

Aos 15 minutos do segundo tempo, Slimani aproveitou a falha (mais uma) do goleiro Akinfeev e subiu de cabeça para marcar seu terceiro gol no Mundial. Marcou a história de um país. Para loucura de milhares que tomaram as ruas da Argélia e da França com seus sinalizadores para comemorar. O fantasma de 1982 ficou para trás. Mas, como a vida é uma enorme colcha de ironias, a Argélia enfrenta agora justamente a Alemanha, que, na Copa da Espanha, protagonizou um arranjo vergonhoso com a seleção da Áustria.

“Somos pequeninhos perto da Alemanha. Vocês, brasileiros, gostam de futebol bonito. Isso não podemos oferecer”, disse Hali-hodzic na coletiva de imprensa. Em uma Copa do Mundo, dimensões de grandeza vão bem além da qualidade técnica dos participantes. Para muitos, o segredo da felicidade é reduzir as expectativas. A Argélia fez justamente o contrário. E emocionou o mundo da bola. ■

Em uma Copa do Mundo, dimensões de
grandeza vão bem além da qualidade técnica.



ENTREVISTA



‘Exoesqueleto é um grande ganho’

O jovem Juliano Alves Pinto, que vestiu o exoesqueleto na abertura da Copa, rebate contestações ao projeto do neurocientista Miguel Nicolelis.

Por DÉBORA ELY

Por três segundos na última quinta-feira, Juliano Alves Pinto, 29 anos, apresentou às câmeras um projeto de R\$ 33 milhões: o exoesqueleto que permitiu o jovem paraplégico dar o pontapé inaugural da Copa do Mundo. Se ao projeto do neurocientista Miguel Nicolelis não faltaram críticas, o paciente não economiza elogios ao experimento.

— Aqueles que criticam são pessoas sem informação sobre o projeto — defendeu Juliano na manhã desta segunda-feira em entrevista a Zero Hora.

Questionamentos ao experimento científico se baseiam na dimensão da demonstração frente à grandeza da promessa, classificada quase como um milagre: munido de uma veste robótica, um paraplégico levantaria de uma cadeira de rodas, caminharia até o gramado do Itaquerao e chutaria uma bola acionando apenas a força do pensamento. Não foi o que ocorreu.

— O tempo foi muito curto para que isso acontecesse — constatou o jovem.

Leia todas as notícias sobre Copa 2014

O uso do exoesqueleto representou mais um aprendizado na vida do morador de Gália — cidade de 7 mil habitantes a cerca de 400 quilômetros da capital paulista. Há 7 anos e meio, ele perdeu o movimento das pernas ao fraturar a coluna em um acidente de trânsito — no qual perdeu um irmão de 27 anos. Sob a nova condição em cima de uma cadeira de rodas, teve de readquirir as habilidades comprometidas:

— Minha vida mudou. Antes eu conseguia fazer as minhas coisas e, de repente, precisava das pessoas para me ajudar. Tive de reaprender a fazer tudo sozinho. Hoje, levo uma vida praticamente independente, dirijo, pratico esportes, me troco, tomo banho.

Passados os segundos de fama e a repercussão posterior à abertura do Mundial — na sua cidade, foi recebido com carreata —, Juliano retoma a rotina habitual. Ainda nesta semana, participa de um campeonato que representa uma das suas motivações: o atletismo. Para o futuro, ele busca ajuda para a compra de uma nova cadeira de corrida para participar de torneios e, quem sabe, acumular pontos para se tornar profissional. Paralimpíadas em mente?

— Sourio sim. Não perco as esperanças, nunca — diz o galiense.



Como ocorreu a seleção para participar do projeto Andar de Novo e da abertura da Copa?

Sou paciente da AACD (Associação de Assistência à Criança Deficiente) de São Paulo, onde o projeto já estava acontecendo e onde estavam sendo selecionados alguns pacientes. Há uns seis meses, surgiu o convite para mim e eu aceitei. Ao todo, foram selecionados 10 pacientes, oito continuaram e três foram pré-selecionados para fazer a demonstração na Copa, mas todos os outros estavam preparados para usar o exoesqueleto. Depois veio a notícia, faltando uns quatro dias para o evento, que eu fui o escolhido.

Qual foi a sensação quando você recebeu a notícia?

Fiquei muito feliz não só por estar fazendo parte do projeto e representando todos eles, mas representando todos que também têm uma deficiência como eu e sonham, um dia, ter um bem-estar melhor para a sua vida. Creio que toda essa parte da ciência vem para nos ajudar, é um bem-estar a mais para a pessoa.

Como foi a preparação e o treinamento para o projeto?

Estávamos cercados de grandes profissionais não só na parte da ciência, mas também fisiatras, fisioterapeutas. Deu tudo certo. Eu saía de Gália de madrugada, chegava em São Paulo às 8h, ficava o dia todo em treinamento e voltava para a casa.

Por que você foi o escolhido?

Eu estava mais preparado para o dia da Copa. Não que os outros

não estivessem, mas eu me enquadrava melhor no perfil que eles procuravam.

Qual foi a sensação ao vestir o exoesqueleto?

Posso dizer por mim e acho que pelos outros pacientes que também tiveram a oportunidade de andar no exoesqueleto que é muito bom. Você está em uma cadeira de rodas e, por mais que ela permita que você se locomova normalmente mesmo sem ter a mobilidade das pernas, você poder trocar alguns passos novamente, é um grande ganho. No meu caso, depois de sete anos e meio, o exoesqueleto trouxe isso de volta. É algo muito satisfatório, de muita alegria, você novamente poder fazer algo que perdeu lá atrás.

Foi como caminhar novamente?

A sensação, sim. Creio que isso depende, também, da gente começar a se adaptar mais... mas, poxa, é uma sensação bem real, mesmo.

Pelo sua sensação, será possível, no futuro, trocar a cadeira de rodas pelo exoesqueleto?

Creio que sim. Durante esse pouco tempo que acompanhei o doutor Nicolelis e sua equipe, percebi que eles têm um grande potencial para que isso venha a acontecer. Mesmo que haja críticas, que as pessoas não acreditem, estando ali e presenciando o projeto, creio que isso será possível, sim.

Inicialmente, a expectativa era que você levantaria da ca-

“Acho que a mídia poderia, sim, ter se dado um tempo maior para a apresentação



apenas três segundos na televisão. Você ficou chateado com a pouca visibilidade dada no momento?

Eu não tinha conhecimento que havia sido transmitido em tão pouco tempo. Quando comecei a acompanhar vi que, realmente, foi pouco mesmo. Mas, depois, foi amplamente abordado, a mídia trouxe bastante o assunto, mas acho que poderia, sim, ter se dado um tempo maior para a apresentação, ter focado mais. Não sei se posso dizer que fiquei triste, mas posso dizer que gostaria que tivesse sido dado um tempo maior.

Críticos ao neurocientista Miguel Nicolelis disseram que o projeto foi um fracasso. O que você tem a dizer a eles?

Aqueles que criticam são pessoas sem informação sobre o projeto. Eles se baseiam no que pensam, mas eu creio que, se essas pessoas estivessem vivenciando o que os pacientes viveram durante todo esse tempo, tenho certeza que os pensamentos e argumentos seriam diferentes. Não tem como você falar de uma coisa

deira de rodas, caminharia até a bola e a chutaria. Não foi o que aconteceu. Como você avalia o resultado da experiência?

Como o próprio Miguel Nicolelis abordou, o tempo foi muito curto para que isso viesse a acontecer. A gente se enquadrou dentro de um roteiro da Fifa. Muita gente questionou por que fizemos o que fizemos na abertura também nos ensaios, mas foi porque o tempo era aquele. Para a gente fazer tudo isso (levantar, caminhar e chutar), teríamos que ter um tempo maior, não tinha como. É como o doutor Nicolelis falou, não existe na história uma demonstração da parte robótica dessa maneira em 29 segundos. Conseguimos fazer em 16 segundos, e menos apareceu na mídia. Então, a gente se enquadrou no padrão que nos passaram, fizemos aquilo para obedecer o tempo que chegou até nós. Não que a gente tenha fugido do que foi dito, mas nos adequamos dentro do tempo que tínhamos.

Então pode-se dizer que foi um sucesso?

Com certeza. Foi um marco, algo que entrou para a história.

Apesar da ampla divulgação do projeto, o chute ganhou

que você não conhece, como dizer que o produto é bom se você não conheceu e não sabe detalhes. Então, eu creio que essas pessoas não têm informações corretas acerca do que está acontecendo.

O que mudou na sua rotina desde quinta-feira passada?

Estou procurando viver uma rotina normal. Agora, vou voltar a treinar e quero levar a minha rotina normal. O que mudou foi aparecer bastante na mídia, foi um assunto que ficou bastante visto, mas acho que isso não tem me atrapalhado. O que eu quero fazer é deixar as coisas bem claras, não me esconder, e estar disposto a esclarecer o projeto também.

Quais são seus planos?

O projeto continua, e estou buscando a minha classificação nos jogos de atletismo que participo. Tenho o sonho de conseguir um equipamento melhor, uma cadeira de corrida, para disputar e conseguir um índice para um nacional ou até um mundial. No Brasil não se acha, apenas com representantes, e o preço vai lá em cima porque é uma cadeira importada. ■

Amanda Gontijo





















ARAZZO







A ingrata missão de convencê-la a gostar de você

Se você chegou num ponto do relacionamento em que precisa vender suas qualidades ao parceiro, pode esquecer: é hora de seguir em frente.

Por JULIA DUARTE



P

arece fácil aceitar que não podemos fazer alguém gostar da gente. Não é. Quando falamos de coisas do coração as maiores dificuldades estão aqui: tentar fazer alguém gostar de você e aceitar que isso não vai funcionar.



Tenho visto gente por aí fazendo mil loucuras, eu mesmo já tive minha cota, no intuito de fazer alguém mudar de ideia. Você fica ali num papel patético esperando o momento em que a pessoa vai acordar pra vida e perceber que você é tudo que ela queria.

Pior ainda é quando já ficou/namorou/casou com a pessoa e sabe do fundo da sua alma que ela gosta de você, mas não te ama. Não vai demorar muito para alguém sair dessa história e o outro ficar a ver navios e sofrendo. Quem ficou pode querer provar de todas as formas que era a melhor opção e que quem foi nunca mais vai encontrar alguém tão bacana.

A parte chata é se humilhar no intuito de provar todas as qualidades que tem e esquecer que pode achar alguém que realmente vai apreciá-las. Você tenta mudar para se tornar a pessoa que o outro quer que você seja. Ou que você acha que quer. E como tudo é nebuloso, não se enxerga nada. Se enxerga acha que vale a pena para provar o seu amor.

A ironia é essa: nunca funciona. Infelizmente o amor não acontece desta maneira. As expectativas são altas (e nunca se cumprem), haverá tentativas de ficar à altura do outro (como se precisasse disso) e adeus autoestima neste processo. O resultado é que a pessoa vai continuar não querendo nada com você.

A carapuça vai servir em muita gente e você aí também vai reconhecer alguém que já fez ou está fazendo isso. Fica difícil dizer que não há esperança quando isso é a única coisa que a pessoa

tem.

Aí tem gente que se apegue a qualquer chance para ficar ali preso em uma história que não vai a lugar algum, sem imaginar que ficar com alguém que realmente quer ficar com a gente é inimaginavelmente melhor.

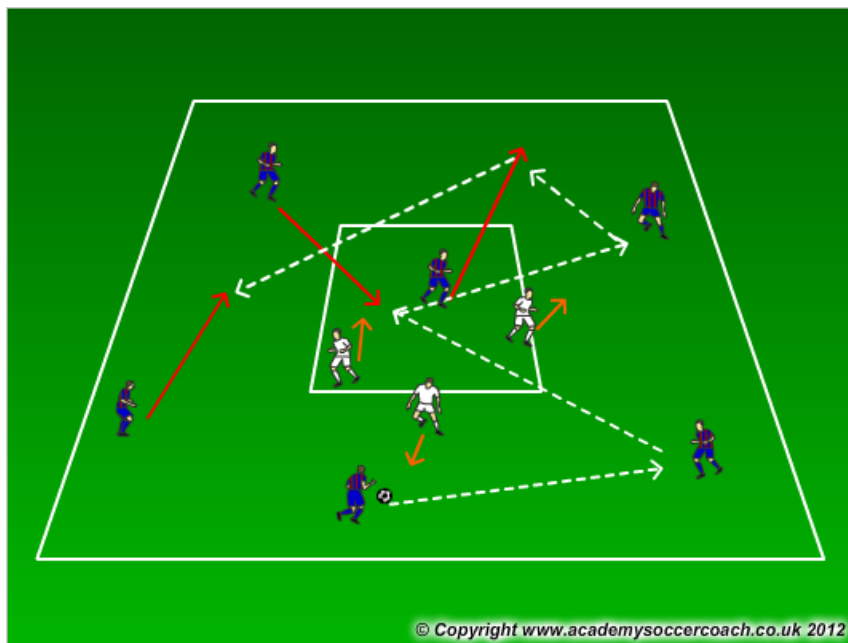
O grande filósofo do Breaking Bad, o senhor Heisenberg, disse que é imprescindível confiar na química. Eu acrescento que com ela tudo se complica. Por mais que a pessoa seja incrível, assim que você identificar que está em uma relação onde só você tenta, é hora de ir embora.

Vai ser necessário coragem e um dia lá na frente vai perceber que foi a melhor decisão. Uma pessoa inteira não merece uma pessoa pela metade. ■

Você tenta mudar para se
tornar a pessoa que o outro quer.



Esse tal de 4-2-3-1



A Copa do Mundo no Brasil me fez perceber o quanto sou ignorante com relação ao futebol. Não que eu não entenda nada sobre o assunto. Eu gosto de futebol, assisto muito, sou são-paulina e acompanho meu time, bem como os rivais do meu time. Entendo bem o esporte, sei jogar, até já fiz parte do time da escola. Sei dizer quando um time está mal. No Twitter, previ que o Brasil jamais ganharia uma título jogando como jogou contra o México. Repetiu o feito contra a Alemanha e bem... O resto vocês já sabem.

Mas tem uma coisa que eu não consigo entender de jeito nenhum, por mais que me expliquem e digam que não é difícil. É a análise tática do jogo. O nome já me dá arrepios: quando algum comentarista começa a falar sobre isso, já sei que não vou entender uma palavra. E não entendo.

Assisti aos jogos da Copa nos canais ESPN, apesar da recomendação de alguns amigos de que Paulo Bonfá narrava na Fox Sports 2. Gostei da transmissão, apesar dos comentários de que a ESPN "torcia contra o Brasil". Eu torci pelo Brasil do começo ao fim e sei que o Brasil jogou mal e não convenceu. O problema é quando entrava a "Prancheta do PVC". Ali aparecia uma sequenci-

a de análises e linhas que eu não entenderia de jeito nenhum. "A Argentina joga com duas linhas de quatro na marcação". Eu olho pro vídeo pra ver essas duas linhas e penso que elas só podem estar tortas.

E os comentários no meio da transmissão? "Alternando 4-3-3 e 4-2-3-1". Quando foi que a matemática se apossou do futebol com o objetivo de torná-lo mais difícil pra mim? E o que raios é um "falso 9"? Um camisa 6 plantando bananeira?

E os artigos? O excelente blog Impedimento postou um artigo com a análise tática do 7x1, demonstrando como a Alemanha deu um baile tático no Brasil. Quase pedi, nos comentários, que eles me explicassem com laranjas. E o artigo do Zé Antônio Lima, publicado no Esporte Fino e republicado em BECOOL, sobre as diferenças entre o 4-3-3 e o 4-2-3-1? Vou pedir pro próprio Zé Antônio me explicar o que aquilo tudo quis dizer.

Isso complica muito na hora de conversar sobre futebol. Eu puxo o assunto com um amigo, a gente

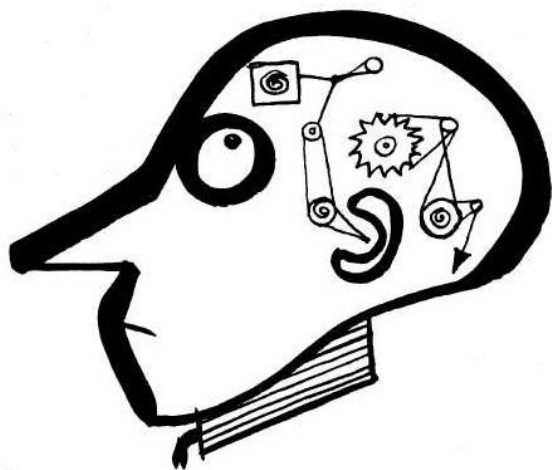
fala de boa até alguém me pedir pra comentar o tiki-taka. Não sei a diferença entre o tiki-taka e uma mera troca de passes (me dizem que é a mesma coisa, mas eu não posso acreditar). E quando comentam a marcação da seleção brasileira? "Luiz Gustavo voltando pra liberar os laterais". E eles estavam presos aonde?

Mas agora que a seleção vai trocar de técnico parece que é obrigado a discutir isso. O Brasil, segundo alguns, preciso de uma reforma tática, que supostamente viria com um técnico estrangeiro. Claro que as reformas nas categorias de base, no modelo de negociação dos passes, na estrutura e na própria administração do esporte não significam tanto quanto a mudança tática, sair do modelo de "liberar os laterais" e entrar em outro de... Tiki-taka? Que diferença faz se só Neymar é craque?

Não entendo nada desse tal de 4-2-3-1 ou qualquer coisa parecida, mas será que é aí que a gente tem que começar a mudança? Ou o 7x1 da Alemanha, por acaso, não começou depois da Euro 2004, quando ela mudou a forma de organizar, pensar e administrar o futebol? Antes mesmo que se falasse de tiki-taka. Pois é, o que eu entendo de tática, muito mais gente entende de planejamento.

MÔNICA DE SOUZA é baranga com orgulho e não tem emprego. Usa essa coluna pra falar mal dos outros.

Jogo da memória



Eu era aquele jovem cabeludo que usava calça boca de sino, camiseta justinha manchada de água sanitária, tamancos suecos e uma bolsa de couro cheirando a bode, quando minha mãe começou a trocar o nome dos filhos. Éramos cinco. Muitas vezes, para ela chamar a mais velha, passava pelo nome dos outros quatro até chegar a Ângela.

Não entendia muito bem aquela confusão que ela começou a fazer, assim de repente se, para mim, cada filho tinha um nome e uma personalidade - mesmo que ainda em formação - bem diferentes. E a história não parou aí. Quando eu me casei pela segunda vez, minha mãe continuou chamando minha nova mulher pelo nome da antiga. Ainda bem que a Paulinha sempre teve uma cabeça boa e tirava isso de letra. Eu ficaria uma fera.

Com o tempo, fui percebendo que não era só a minha mãe que, aos sessenta anos, começou a trocar o nome dos filhos. Com as minhas tias acontecia a mesma coisa. Trocavam o nome das pessoas da família, num jogo da memória que chegava a ser divertido. Marlene, Márcia, Lucia, Ana, Vera... até chegar em Ana.

- Ana, me passe o sal, por favor!

Sempre tive muito medo do Alzheimer - que chamávamos de caduquice - mas nunca me passou pela cabeça que aquela confusão que minha mãe fazia, poderia ser um sinal da doença. Achava que era mesmo gente demais na família. Muitos filhos, sobrinhos, tios, novos genros, novas noras, netos. Ela tinha toda razão de trocar os nomes, ainda mais numa família que tinha Nelson, Del-

son, Élcio e Celso.

Essa minha preocupação vem de muito tempo. Tanto é que, para não ir me esquecendo das coisas, desde o dia primeiro de janeiro de 1975, anoto todo dia alguma coisa que aconteceu na minha vida. Mesmo assim, de vez em quando pego esses escritos e me surpreendo. "Serginho veio jantar conosco". Que Serginho será esse, eu me pergunto hoje, trinta anos depois de ter escrito.

Esses inúmeros cadernos de anotações viraram material de trabalho. Há algumas semanas, quando escrevi aqui sobre as deliciosas coxinhas que Dona Elvira fazia, se não tivesse anotado um dia, não me lembraria de quase nada. Do seu marido que se chamava Ancelmo, da farinha que ela comprava no armazém de Chaim, daquele cheiro de Óleo Maria que se espalhava pelo bairro do Carmo, tampouco do seu avental todo sujo de ovo.

Quando passei dos sessenta e comeci a trocar alguns nomes, chamando Vera (minha irmã) de Sara (minha filha), Flora (minha neta) de Elisa (minha sobrinha), conversei sobre isso com o meu médico. Ele disse que era normal e ficou orgulhoso de saber que eu anoto há quase quarenta anos, todo dia, alguma coisa que aconteceu na minha vida.

Disse que é por isso que tenho uma memória boa, que não acho tão boa assim porque vivo perguntando pra minha mulher coisas do tipo:

- Como é mesmo o nome daquele ator que ficou em coma, internado no Rio de Janeiro vários dias, que quase morreu?

Se ela não me socorre com um... "Ney Latorraca", estaria até agora fuçando no Google.

Como se já não bastasse esse amontoado de anotações que ocupam metade dos armários no meu escritório, o meu médico me aconselhou a anotar os sonhos. Achei a ideia boa e fui em frente.

Preocupado em registrar o sonho toda manhã, nunca mais deixei de sonhar. Não passo um dia sequer sem sonhar. Hoje resolvi dar uma espiada nesses escritos e fiquei perplexo ao perceber que, pelo menos uma vez por semana, sonho com passarinhos. Se não tivesse anotado, nunca lembraria desses canarinhos belgas, pintassilgos e curiós que estão sempre presentes nos meus sonhos.

Se não tivesse esse arquivo implacável de acontecimentos e sonhos aqui ao meu redor, acho que não me lembraria de nada para contar pra vocês essa semana, aqui no site da Isto É.

CHARGE



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El Hombre, CartaCapital, YouTube, Adorocinema, Paparazzo, Na Prática a Teoria é Outra, Livraria Saraiva, Submarino, Folha de São Paulo, Veja São Paulo, Esporte Fino e Impedimento.

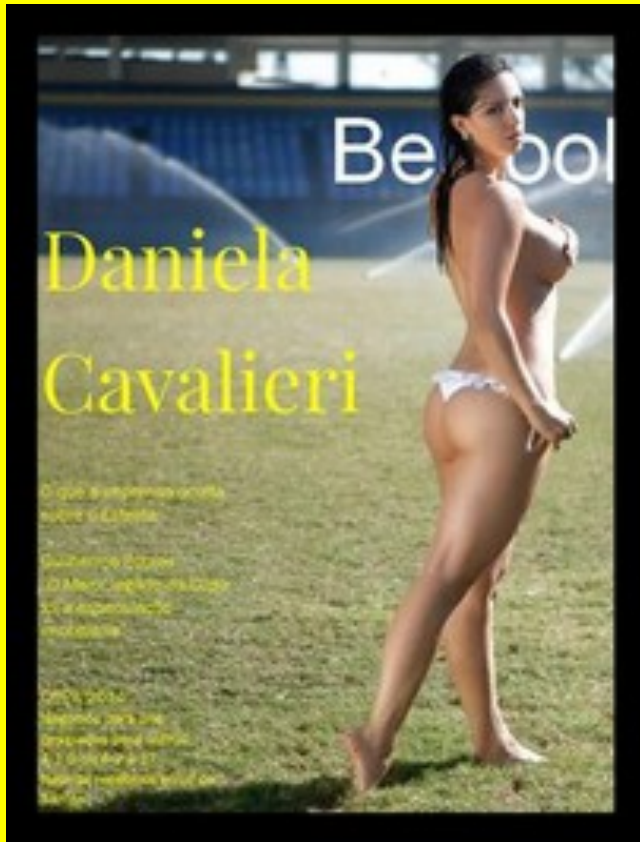
MAIS
+

REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



Inscriva-se

[issuu.com/dddgilvan](https://www.issuu.com/dddgilvan)

youtube.com/user/revistabecool

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

